

O Impacto da Pandemia na Percepção Socioambiental dos Atores da Comunidade de uma Instituição de Ensino Pública

Aline Guimarães Monteiro Trigo¹

Evelyn Correia Ribeiro²

Úrsula Gomes Rosa Maruyama³

José Aires Trigo⁴

A situação crítica relacionada à COVID-19 atraiu as atenções da comunidade científica. A pandemia trouxe muitas mudanças, não apenas na saúde, mas no estilo de vida das pessoas. A sociedade vem questionando-se sobre o caminho que deve tomar quanto à possibilidade de uma transformação comportamental. Portanto, este artigo busca analisar a percepção socioambiental da comunidade do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, quanto à adoção de hábitos sustentáveis. Por meio de uma pesquisa descritiva, utilizou-se um questionário estruturado para capturar informações sobre os hábitos de consumo diante da COVID-19. Os resultados demonstraram que hábitos que não exijam tempo e esforço foram os mais citados, enquanto aqueles que necessitam de dedicação apresentaram uma baixa frequência de citação para sua execução. Um pouco mais da metade dos respondentes estaria disposto a mudar para um estilo sustentável de vida, contudo, percebe-se que os motivos da não adoção se iniciam no desconhecimento sobre o que fazer e a própria rotina diária, que interfere em como a pessoa lida com novos hábitos. Constatou-se uma tendência de mudança de postura, buscando hábitos responsáveis. Embora seja cedo prever quando o mundo voltará a uma vida próxima do normal, novos padrões de comportamento e de consumo consciente podem ser incorporados ao cotidiano.

Palavras-chave: comportamento; sustentabilidade; coronavírus.

The Impact of the Pandemic on the Social and Environmental Perception of Community Actors of a Public Education Institution

The critical situation related to COVID-19 attracted the attention of the scientific community. A pandemic brought about many changes, not just in people's health, but in people's lifestyles. Society has been questioning itself about the path it should take regarding the possibility of behavioral transformation. Therefore, this article seeks to analyze the social and environmental perception of the Federal Center for

¹ Doutora em Planejamento Ambiental pelo Programa de Planejamento Energético (PPE/COPPE/UFRJ). Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Endereço: Avenida Maracanã, 229 – Maracanã – Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20271-110. E-mail aline.trigo@cefet-rj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3639-8471>.

² Aluna do curso técnico em Eletrotécnica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Avenida Maracanã, 229 – Maracanã – Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20271-110. E-mail evelyncorreia79@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0453-5697>.

³ Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/ IBICT/UFRJ). Professora Associada do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Endereço: Avenida Maracanã, 229 – Maracanã – Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20271-110. E-mail maruyama.academic@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8350-229X>.

⁴ Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro da Universidade Cândido Mendes (IUPERJ/UCAM). Professor do Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial da Universidade Estácio de Sá (MADE/UNESA). Endereço: Avenida Presidente Vargas, 642 – 22^o andar - Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20071-001. E-mail jose.trigo09@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8382-3189>.

Technological Education Celso Suckow da Fonseca community regarding the adoption of sustainable habits. Through participatory research, a structured questionnaire was used to capture information about consumption habits in view of COVID-19. The first results showed that habits that do not require time and effort, such as eating habits, use of returnable bags, not throwing garbage in the street were the most cited, while those which need dedication showed a low frequency of citations for their execution, such as the realization of an organic garden. A little more than half of respondents would be willing to change to a sustainable lifestyle; however, the reasons for non-adoption start with the lack of knowledge of what to do and the daily routine itself, which interferes with how the person deals with new habits. There was a tendency to change in terms of posture, seeking responsible habits. Although it is too early to predict when the world will return to a life close to normal, new patterns of behavior and conscious consumption can be incorporated into daily life.

Keywords: behavior; sustainability; coronavirus.

Introdução

A temática meio ambiente encontra-se inserida em diversas áreas de estudo, bem como é um dos grandes temas das discussões mundiais envolvendo muitos países (OCDE, 2020a). A origem das matérias-primas e a destinação dos rejeitos das atividades produtivas provêm do meio ambiente, e, ao mesmo tempo, contribui de maneira significativa para o bem-estar da população. Contudo, as atividades antrópicas atuais vêm originando desequilíbrios que impedem ou até impossibilitam a vida em outras regiões, interferindo nos ciclos naturais do planeta. Isso demonstra que o ser humano não pode consumir o que quer e quanto quiser sem se preocupar com as consequências (CANCLINI, 1996; SERÔA Da MOTTA, 2002; PORTILHO, 2005).

Buscar uma sociedade justa e de iguais oportunidades (BRASIL, 2017) pode ser observado quando a sustentabilidade é vivenciada no cotidiano da sociedade. Assim, há necessidade de aplicar as ideias da sustentabilidade, considerando o paradigma dos ecossistemas e a harmonia da sociedade com a natureza, e a cooperação e solidariedade entre a civilização atual e sua futura geração. Enfrentando os desafios colocados pelo coronavírus (COVID-19), espalhados por diferentes domínios e escalas, carregados de incertezas e complexidades, respostas e intervenções são necessárias nos modos de produção e consumo em áreas como energia, agricultura, água, transporte, habitação e saúde (CEPAL, 2020a, OCDE 2020a).

A pandemia trouxe muitas alterações, não apenas na saúde e no estilo de vida das pessoas, mas também precipitando mudanças que já estavam em curso por parte da sociedade, principalmente para as organizações que devem buscar ser mais responsáveis social e ambientalmente (SACHS et al, 2020). Nesse sentido, o novo cenário fez a sociedade questionar e refletir que caminho tomar quanto aos hábitos de consumo. O isolamento social encorajou a consciência das pequenas coisas e das atividades diárias. Mesmo de forma inconsciente, o consumidor passou a ter um olhar mais atento e a discutir sobre o que deve adquirir e o impacto disso no ambiente.

Diante da possibilidade de uma transformação comportamental, este artigo tem como objetivo investigar o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), uma instituição de ensino público tecnológico no Brasil, por meio da análise da percepção socioambiental da sua comunidade sobre hábitos sustentáveis diante da pandemia de COVID-19. Foi desenvolvida uma pesquisa que retrata um nível de realidade

a partir de informações e opiniões analisadas quantitativamente. Os resultados foram mensurados, fazendo uso de técnicas estatísticas para quantificar as opiniões (LAKATOS; MARCONI, 2017). O foco é produzir conhecimentos para entender as possíveis mudanças ou não de comportamento do homem em um momento de crise social e quanto aos objetivos, enquadra-se como pesquisa exploratória, proporcionando maior conhecimento sobre o tema da sustentabilidade diante da COVID-19 (GIL, 2017). Com relação aos procedimentos de pesquisa, identifica-se como bibliográfica e documental (DIEHL; TATIM, 2004). Foi realizada no âmbito da comunidade do Cefet/RJ, a partir da aplicação de um questionário que tem o intuito de observar e analisar a percepção quanto à adoção de atitudes e práticas sustentáveis, durante a quarentena, ou seja, durante o estabelecimento da medida de saúde pública que teve o objetivo de evitar a propagação do coronavírus.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Pandemia de COVID-19

A palavra mais precisa para descrever a situação atual da pandemia de COVID-19 é incerteza em todos os níveis. Talvez não haja pessoa ou instituição que possa afirmar estar totalmente preparada para enfrentar esta crise (VELÁSQUEZ, 2020; GRILLO, 2020). A atual pandemia afetou milhares de vidas em todo o mundo, precisando “reinventar-se” em suas rotinas diárias: aulas à distância, novas atividades profissionais apoiadas em tecnologia e internet, além de mudanças no consumo. Algumas respostas de contenção de vírus global incluem fechamento de negócios não essenciais, distanciamento social, reuniões públicas menores, adiamento indefinido de eventos esportivos e cancelamento de conferências (GUERRIERO et al, 2020; OCDE, 2020a; CLAD, 2020).

No primeiro semestre de 2020, foi observada a presença de animais silvestres nas áreas urbanas, circulando livremente e ocupando territórios à medida que o silêncio decorrente do isolamento humano os atraía. Houve também uma regeneração dos ambientes naturais e uma melhoria da qualidade ambiental. Por outro lado, verificou-se que, durante o confinamento, o aumento dos descartáveis gerou mais poluição do lixo doméstico. Nesse sentido, é necessário discutir o impacto da pandemia no consumo brasileiro (CARVALHO, 2020).

Além disso, Zambrano-Monserrate et al. (2020), indicam que o fechamento dos ambientes de trabalho diminuiu a quantidade de resíduos sólidos, da mesma forma que os gastos com energia e água nessas organizações. No entanto, o *home-office* representa uma maior produção de resíduos sólidos domésticos orgânicos e inorgânicos. Nesse sentido, Buck e Weinstein (2020) acreditam que as mudanças no comportamento humano devido ao COVID-19 tenham desencadeado diversos efeitos indiretos sobre as espécies e o meio ambiente, que podem ser positivos, negativos ou neutros.

No Brasil, durante a pandemia de COVID-19, não só "a doença" se espalhou, mas também se agravaram as crises econômicas, sociais e ambientais. Com isso, a desigualdade presente no Brasil se evidenciou, principalmente, por conta do desemprego, fome, falta de saneamento e diversos tipos de violência. Assim, a população de menor renda residente em periferias, favelas e em terras indígenas tornou-se mais vulnerável, apresentando o grande

desafio de atender às recomendações de distância social, higiene básica e 'ficar em casa' (STEVANIM, 2020).

Embora a Internet exista para fornecer meios de comunicação rápidos, como uma boa fonte de informações em todo o mundo, ela também espalha desinformação, também conhecida como "notícias falsas". "Desinformação" é quando informações falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos ou para proteger o próprio interesse de alguém em detrimento de outros. Para entidades internacionais como CEPAL (2020b), OCDE (2020b), CLAD (2020), a crise do COVID-19 exige uma ação pública rápida e eficiente em que as diversas realidades nacionais sejam abordadas e as decisões sejam tomadas com base nos conhecimentos científicos que são considerados pelos cidadãos como as melhores alternativas de políticas públicas.

Como a pandemia está afetando a biodiversidade? Há relatos de espécies selvagens que se aventuram em áreas rurais e urbanas, incluindo parques e praias, onde não eram vistas há muitos anos, à medida que o tráfego e outras atividades humanas diminuem. Corlett et al (2020) afirmam que é muito cedo para avaliar os impactos gerais da pandemia de coronavírus na biodiversidade, mas algumas conclusões preliminares são possíveis. Neste ponto, as áreas protegidas parecem ser seguras e, em muitos lugares, a biodiversidade está se beneficiando da redução das atividades humanas.

De acordo com um estudo publicado na revista *Nature Climate Change*, uma redução média de 17% nas emissões globais diárias de dióxido de carbono (CO₂) foi identificada no início de abril de 2020, em comparação com a média de 2019. No entanto, não resolve os problemas das mudanças climáticas, uma vez que medidas de longo prazo precisam mitigar as consequências do modelo de consumo exagerado, que é a principal causa da degradação da natureza (LE QUÉRÉ et al, 2020).

Na verdade, as emissões de gases de efeito estufa aumentaram em 2020, em comparação com 2019. A principal fonte de emissões vem do uso do solo, que representa 44% das emissões. Infelizmente, o desmatamento está crescendo nos biomas Amazônia e Cerrado. Esses biomas são fronteiras agrícolas e concentram 95% do desmatamento detectado no Brasil durante 2019. Além disso, o setor agrícola brasileiro responde por 25% das emissões de gases em 2020, com base na pecuária, [...] que emite grandes quantidades de metano (CH₄) por meio da fermentação no rúmen dos animais (a chamada fermentação entérica); manejo de solos agrícolas, principalmente por fertilizantes nitrogenados, seguido de manejo de dejetos animais, lavouras de arroz irrigado (também emite metano) e queima de resíduos, como palha de cana-de-açúcar (OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2020, p.15).

Embora as limitações e a fragilidade da resiliência da cadeia de abastecimento global tenham ocorrido no início da pandemia, também são destacadas as oportunidades potenciais de transição e evolução em direção à sustentabilidade (SARKIS, 2020). A partir daí, acredita-se que neste momento de isolamento social, parte da sociedade com mais consciência ambiental foi capaz de reduzir seu padrão de consumo e mudar seus hábitos, constituindo uma contribuição de longo prazo para a proteção do clima. Para tal, existem várias soluções que podem ser cumpridas de forma coletiva e individual, bem como pressões para mudanças estruturais e políticas na sustentabilidade, reduzindo o impacto na biodiversidade e melhorando a saúde da população.

2.2. Antropoceno: crise ambiental

O uso da palavra “Antropoceno” melhor representa a descrição da história, na qual a espécie humana (*Homo sapiens*) gerou impactos na natureza equivalentes a uma força geológica capaz de modificar os parâmetros biofísicos do planeta, difundindo-se rapidamente, além do comportamento anterior (LÉNA, ISSBERNER, 2018).

O planeta Terra vive um período de desequilíbrios ecológicos de tal magnitude que, no limite, ameaçam a vida na Terra. A intensidade do esgotamento dos recursos naturais em nosso planeta e o nível exacerbado de emissões de gases de efeito estufa (GEE) são temas urgentes a serem tratados nas agendas de todos os governos e organizações, em nível nacional e internacional. O estudo Limites planetários: guiando o desenvolvimento humano em um planeta em mudança por Steffen et al. (2015) indica a necessidade de um novo paradigma, integrando o desenvolvimento da sociedade e a manutenção do Sistema Terrestre (ES) em um estado de resiliência e acomodação.

O Acordo de Paris (PA) firmado por 195 nações em 2015 é um novo passo na governança da mudança planetária, longe da velha lógica de um tratado global juridicamente vinculativo de cima para baixo. Em vez disso, um modelo híbrido surgiu, combinando elementos internacionais juridicamente vinculativos de cima para baixo, como o Acordo de Paris que limita o aquecimento global (bem abaixo de 2°C), e a obrigação de todos os países de fazer contribuições nacionalmente determinadas (NDC), com abordagem policêntrica de baixo para cima. De acordo com Rockström et al (2016), o projeto e a implementação de um roteiro global de carbono zero são cruciais, uma vez que uma economia mundial livre de combustíveis fósseis e resiliência da biosfera é necessária para o sucesso.

Durante o Acordo de Paris, o Brasil se comprometeu a reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) em 37% em 2025, abaixo dos níveis comparativos de 2005, e em 43% em 2030, abaixo dos níveis de 2005. Doravante, o Brasil deve se esforçar para aumentar a participação dos biocombustíveis em sua matriz para 18%, reflorestar 12 milhões de hectares e atingir 45% de participação de energias renováveis em sua matriz energética até 2030 (BRASIL, 2016). Essas metas são o compromisso brasileiro de alcançar a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) promovidos pelas Nações Unidas (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021).

É preciso ter atenção e educar as gerações, atual e futura, para que possam compreender que fazem parte do meio ambiente, e qualquer ação, mínima que seja, tenha reflexo sobre a própria sociedade, por curto, médio e longo prazo. A sobrevivência da humanidade e da biodiversidade está em risco, considerando a perda de milhares de espécies de vida selvagem, que só podem ser comparadas a eventos de extinção em massa identificados há mais de bilhões de anos. Diante desse cenário, nota-se que a situação pode se agravar em breve e tornar-se irreversível, caso se mantenha o mesmo ritmo de produção e consumo.

Michel Serres (2011) considera que o homem, assim como outros mamíferos, precisa 'marcar seus territórios', pelo consumo e pela poluição, desenvolvendo formas de apropriação da natureza e exercendo poder sobre outros animais. E por viver em uma sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 1995; CANCLINI, 1996; PORTILHO, 2005), promove-

se, incentiva-se ou reforça-se a escolha de um estilo de vida consumista existencial, rejeitando opções culturais alternativas (BAUMAN, 2008). Deve-se buscar, segundo Morin (2010), um conhecimento, que admite o ser humano como uma espécie que tem origem na evolução biológica natural. Assim, muitas coisas nos tornariam, ao mesmo tempo, estrangeiros e parte deste mundo.

2.3. Tendências da sustentabilidade

A relevância da sustentabilidade aumenta à medida que os consumidores procuram produtos e serviços mais ecológicos. Os clientes também desejam modelos de negócios desenvolvidos em processos sustentáveis. Em 1972, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, lançou as “primeiras sementes” para a elaboração do conceito de desenvolvimento sustentável, apontando para a finitude dos recursos naturais, bem como uma tentativa de desenvolvimento de políticas não governamentais em face de crescimento exponencial populacional. (ALMEIDA, 2009)

A primeira definição formal e sistematizada de desenvolvimento sustentável foi criada no relatório *Nosso Futuro Comum*, em 1987, pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, com objetivo de “atender às necessidades e aspirações do presente sem comprometer a possibilidade de atendê-las no futuro.” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. 44)

Na busca por um desenvolvimento econômico, alinhado ao tecnológico, deve haver uma preocupação com o uso dos recursos naturais. Manzini e Vezzoli (2005, p. 120) destacam que “as atividades humanas não devem interferir nos ciclos naturais em que se baseiam tudo o que a resiliência do planeta permite e, ao mesmo tempo, não devem empobrecer seu capital natural, que será transmitido às gerações futuras (...)”

Ademais, as empresas, desde pequenos negócios a multinacionais, também devem aderir às estratégias sustentáveis de acordo com seu impacto e estimular seus consumidores a serem responsáveis por suas ações. O Tripé da Sustentabilidade, expressão cunhada em 1990, por John Elkington (2001), em inglês, *Triple Bottom Line*, envolve uma nova perspectiva para organizações, governo e sociedade. Nos negócios, sustentabilidade pode ser entendida como a capacidade de manter uma lucratividade de longo prazo e contribuição simultânea para o crescimento econômico, desenvolvimento social e sustentabilidade ambiental. (ALMEIDA, 2009) Algumas ações têm sido propostas por entidades públicas e privadas. Por exemplo, plataformas digitais como o *Overshoot Day* e o *Akatu* inspiram estilos de vida sustentáveis, bem como a *Ecological Footprint Calculator* (GLOBAL FOOTPRINT NETWORKING, 2021), medindo o impacto individual na Terra. Esse tipo de iniciativa estimula novas práticas favoráveis ao meio ambiente e ajuda na disseminação de informações sobre mudanças climáticas, consumo e sustentabilidade,

Em um estudo recente e publicado na revista *Global Sustainability*, liderado por Christoph Rupperecht (2020), observou-se algumas falhas na definição original do termo sustentabilidade, impedindo-se de uma transformação global. Foi proposta a inclusão de ‘espécies não humanas e suas necessidades’. Assim, surge uma nova ideia de sustentabilidade, com o objetivo de: “atender às necessidades interdependentes dos seres vivos, ao mesmo tempo em que aumenta a capacidade das gerações futuras de todas as

espécies de atender às suas próprias necessidades”, permitindo a convivência humano-animal neste cenário.

2.4. Consumo sustentável e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Enrique Leff (2003) argumenta que as políticas de globalização econômico-ecológica não conseguiram resolver os problemas causados pelo modo de vida da população ocidental em particular. O ‘consumo sustentável’ não é apenas uma ideia, mas um estilo de vida, onde se deve refletir sobre os hábitos de consumo, exercendo a consciência ecológica. Então, cabe ao consumidor se responsabilizar pelo seu papel nessa cadeia ambiental e estar atento aos seus padrões de consumo.

A Agenda 2030 reforça o vínculo entre os objetivos globais e as comunidades e cidadãos locais e fortalece as inter-relações entre todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ARENILLA SÁENZ, 2019, 2020).

O PNUMA define consumo sustentável como:

O uso de bens e serviços que atendam às necessidades básicas, proporcionando uma melhor qualidade de vida, enquanto minimizam o uso dos recursos naturais e materiais tóxicos, a geração de resíduos e a emissão de poluentes durante todo ciclo de vida do produto ou do serviço, de modo que não se coloque em risco as necessidades das futuras gerações. (BRASIL, 2011, p. 6)

Esse conceito implica na implementação de algumas práticas e comportamentos responsáveis, que foram identificados em UNCTAD (2015) e podem ser adotados, por qualquer um, no curto, médio ou no longo prazo, como: (i) não jogar lixo na rua; (ii) pensar em como reaproveitar os resíduos; (iii) separar os recicláveis (papel, plástico, vidro, metais) dos não recicláveis; (iv) descarte correto de resíduos perigosos (baterias, lixo hospitalar, etc.); (v) separar os resíduos orgânicos em compostagem; (vi) fazer uma horta orgânica; (vii) reaproveitar ao máximo os alimentos (evitando o desperdício); (viii) ter cuidado com os hábitos alimentares; (ix) consumir menos carne e seus derivados; (x) realização de exercícios físicos; (xi) na impressão, utilizando as duas faces do papel ou reutilizando papel; (xii) utilização de sacolas retornáveis na loja do mercado; (xiii) compra de produtos em lojas locais, apoiando o desenvolvimento local; (xiv) desligar luzes, TV, ventilador / ar condicionado, ao sair dos quartos; (xv) não deixar dispositivos eletrônicos em modo de espera; (xvi) utilização de luz e ventilação naturais; (xvii) substituição de lâmpadas por modelos mais eficientes; (xviii) fechar a torneira ao escovar os dentes; (xix) evitar banhos de longa duração; (xx) utilizar a máquina de lavar em sua capacidade máxima; (xxi) reutilização de água; (xxii) evitar talheres e copos descartáveis; (xxiii) regar as plantas no início da manhã ou no final da tarde; (xxiv) usar bicicleta, ir a pé (ou transporte público); (xxv) falar sobre práticas sustentáveis; (xxvi) doar itens que você não usa mais.

Essas práticas contribuem para o alcance dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (2021): ODS 1 - Acabar com a pobreza; ODS 2 - Acabar com a fome, segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável; ODS 3 - Garantir uma vida saudável e promover o bem-estar; ODS 4 - Garantir educação inclusiva, equitativa e de qualidade; ODS 5 - Alcançar a igualdade de gênero; ODS 6 - Garantir disponibilidade de água e saneamento; ODS 7 - Garantir acesso à energia confiável,

renovável e acessível; ODS 8 - Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, empregos decentes e empregos produtivos para todos; ODS 9 - Construir infraestrutura resiliente, promover industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação; ODS 10- Redução das desigualdades; ODS 11 - Tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis; ODS 12 - Garantir padrões de produção e consumo sustentáveis; ODS 13 - Medidas de combate às mudanças climáticas e seus impactos; ODS 14 - Uso sustentável dos oceanos, mares e recursos marinhos; ODS 15 - Manejo sustentável de florestas, combate à desertificação e combate à perda de biodiversidade; ODS 16 - Promover sociedades pacíficas e inclusivas, fornecer acesso à justiça para todos, construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis; ODS 17 - Fortalecer a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

- Em relação à Administração Pública, a Agenda 2030 representa décadas de contribuições das ciências sociais para a gestão pública. Os ODS catalisam boa parte dessas contribuições (CEPAL, 2020c).
- Nova Gestão Pública: cooperação público-privada; foco em resultados; o valor do dinheiro. Isso é especificado na Agenda 2030 com ênfase em: medição, evidência, avaliação e parcerias;
- Governança pública: a relação entre o governo e a sociedade civil; as interações; o papel da Administração Pública: ativadora e coordenadora dos agentes; relações intergovernamentais. Relações mais democráticas entre a administração pública e a sociedade que se especificam em: instituições e alianças eficazes;
- Governo holístico: instrumentos de coordenação, visão global, coerência, que se especifica em: integração de objetivos;
- Institucionalismo: organização, mídia, arquitetura, que se evidencia em: capacidade e força institucional;
- Redes de políticas: políticas públicas como resultado da articulação e interação entre atores, o que dá origem a um novo papel para o Estado e alianças.

Durante a pandemia, é necessário refletir sobre mudanças de comportamento para que o mundo consiga alcançar os 17 ODS e 169 metas até 2030, que abordam temas fundamentais para o desenvolvimento humano, em cinco perspectivas: pessoas, planeta, prosperidade, parceria e paz. Os ODS representam um acordo ambicioso para o mundo atingir o desenvolvimento sustentável, pois os ODS integram os três principais aspectos do desenvolvimento sustentável: social, econômico e ambiental.

No confronto com o COVID-19, percebeu-se um novo padrão de comportamento e tendência a buscar hábitos mais sustentáveis. A população mundial teve a chance de se questionar, repensando suas atitudes para um consumo mais consciente e responsável (CEPAL, 2020c). Contudo, cada consumidor reage de maneira diferente: alguns tentam "voltar à vida como antes", porém, o consumo é regulado pelo distanciamento social e medidas preventivas de saúde; outros tentam colocar em prática 'novos hábitos sustentáveis' e alguns têm mostrado um comportamento híbrido. De acordo com Wells et al (2020) sob as condições de "(retorno ao) *business-as-usual*", os encargos ecológicos continuarão a aumentar à medida que as estruturas globais de produção e consumo retornarem, permanecendo como um grande desafio para as políticas públicas ambientais.

3. Método

A pandemia de COVID-19 abalou o calendário escolar em todo o mundo (WORLD BANK, 2020). De acordo com o *Education at Glance 2020*, vários países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mantiveram suas escolas fechadas por 14 semanas, enquanto no Brasil (em geral), as aulas presenciais permaneceram suspensas por 16 semanas (MEC, 2020).

Considerando que a reabertura das escolas ainda é uma das decisões mais difíceis nas agendas políticas, muitos países se organizaram para retomar as aulas e dar continuidade ao ano letivo, adotando diferentes estratégias, entre elas, destacando-se as atividades de ensino à distância. Essa modalidade de ensino, segundo Hodges et al (2020), em caráter temporário oferecia conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente. Nesse sentido, houve necessidade de adaptação das aulas presenciais para plataformas online de transposição de conteúdos com tecnologias digitais de informação e comunicação.

Vale ressaltar que, ainda hoje, muitos estados e municípios brasileiros encontram dificuldades em se reorganizar para a reabertura de instituições de ensino. É difícil garantir a distância social, considerando o tamanho da sala, bem como a quantidade de alunos em cada aula, para organizar a estrutura escolar e os espaços comunitários.

Nesse contexto da pandemia, essa pesquisa busca capturar a percepção socioambiental das pessoas sobre hábitos/ práticas sustentáveis, novos ou já existentes, observados durante o distanciamento social. O público alvo estudado pertence a uma instituição pública federal de educação tecnológica do Rio de Janeiro. O Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ) foi escolhido como objeto de estudo nesta pesquisa por ser uma instituição centenária, com mais de 20.000 membros da comunidade (professores, técnicos administrativos e alunos de níveis).

A ferramenta de coleta de dados utilizada na pesquisa, junto à comunidade acadêmica, foi um questionário estruturado, dividido em duas partes. A primeira compreende perguntas fechadas, que envolvem questões referentes ao perfil social dos respondentes, contendo as variáveis de escolaridade (vínculo com a IES), sexo e idade. Na segunda parte, há perguntas que revelam uma ordem de preferência (escala itemizada), com questões referentes ao impacto dos hábitos sustentáveis na sua vida, à frequência (distribuída entre “SEMPRE”, “ÀS VEZES”, “RARAMENTE” e “NUNCA”) com que adota hábitos sustentáveis neste momento de isolamento, à possibilidade de mudar seu estilo de vida e à contribuição de suas atitudes para o alcance dos ODS. O objetivo é identificar tendências de mudança de estilo de vida e sua contribuição para o alcance dos ODS.

O questionário on-line foi construído a partir da plataforma Formulários Google® e aplicado, via internet, através das redes sociais: whatsapp, instagram e facebook, durante três semanas, em outubro de 2020; período no qual as aulas de forma remota tinham reiniciado.

Assim, essa pesquisa reuniu uma amostra estratificada de 337 indivíduos, cujo universo compreendeu 21.246 pessoas (CEFET/RJ, 2020) distribuídos em estratos ou subgrupos, os quais são: discentes, docentes e técnico-administrativos. Este tipo de amostragem é usado quando se verifica uma heterogeneidade entre os estratos e uma

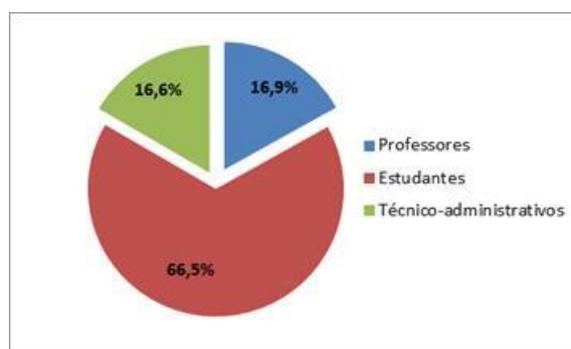
homogeneidade dentro dos estratos, de forma a manter a representatividade da população (BOLFARINI, BUSSAB, 2015).

Não foi necessário nenhum tipo de identificação dos respondentes e a participação foi voluntária. Os dados foram tabulados em planilha Excel do Google Forms e analisados estatisticamente.

4. Resultados

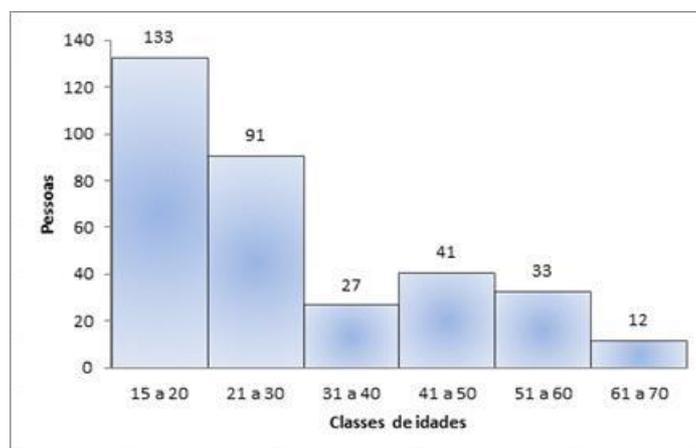
Dos participantes desta pesquisa, 66,5% são estudantes e demais são servidores da instituição (Figura 1), enquanto no gênero, houve uma distribuição quase igual entre masculino e feminino.

Figura 1. Vínculo à instituição (Dados da pesquisa, 2020)



Pode-se considerar que 66,5% da amostra pertencem à Geração Z (duas primeiras classes do histograma da Figura 2), ou seja, pessoas que nasceram entre meados da década de 1990 e o início da década de 2010. Esta geração está familiarizada com dispositivos tecnológicos modernos, como smartphones e altamente conectados, por meio das redes sociais. Essa geração se depara com um alto índice de desigualdade social em todo o mundo e estão envolvidos com a sustentabilidade, preocupando-se com produtos e serviços sustentáveis e buscando um consumo consciente (FRIENDSLAB, 2020).

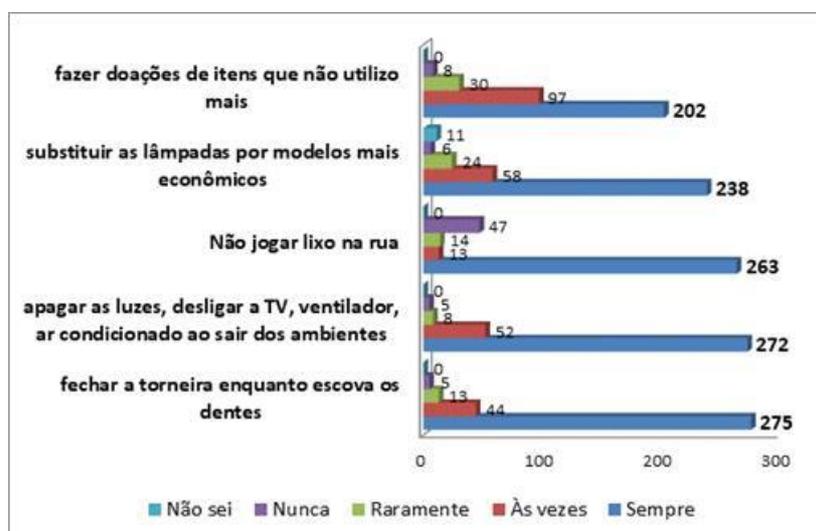
Figura 2. Representação gráfica da idade dos entrevistados (Dados da pesquisa, 2020)



A variação média de idade dos respondentes foi de 29,9 anos e a mediana foi de 24,56 anos, a partir da visualização do histograma que se encontra na Figura 2.

No que tange a frequência de “realização de práticas sustentáveis neste momento de isolamento”, observou-se que os comportamentos mais marcados como “SEMPRE” eram considerados como simples, pois não exigiam muito esforço nem despendiam tanto tempo para concluir, como “não jogar lixo na rua”, “fechar a torneira enquanto escova os dentes”, “substituir as lâmpadas por modelos mais econômicos”, “apagar as luzes, desligar a TV, ventilador, ar condicionado ao sair dos ambientes” e “fazer doações de itens que não utilizo mais” (Figura 3).

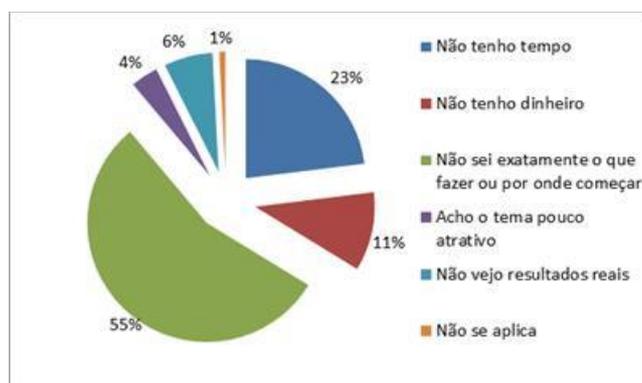
Figura 3. Práticas e hábitos sustentáveis que mais tiveram a frequência SEMPRE (Dados da pesquisa, 2020)



Quanto às opções “mais marcadas” como “ÀS VEZES”, ou seja, aquelas que se destacaram e são realizadas de vez em quando, não necessariamente exigem mais esforço ou mais tempo, mas sim podem ser administradas ou adotadas, de acordo com a prioridade de cada um. Como por exemplo, “prefiro comprar produtos no comércio local ou de meu bairro” (149 respostas), “não deixo os aparelhos em stand by” (136 respostas), “converso com outras pessoas sobre práticas sustentáveis” (128 respostas) e “reaproveitar ao máximo os alimentos (cascas/ folhas), evitando o desperdício” (111 respostas).

Nas opções “mais marcadas” como “NUNCA”, verificou-se que as práticas assinaladas foram aquelas que demandam mais esforço ou mais tempo de dedicação para serem desenvolvidas pelo respondente. Neste caso, foram: “tentar fazer uma horta orgânica” (173 respostas), “separar o lixo orgânico para fazer a compostagem” (155 respostas) e “reutilizar a água da máquina de lavar” (116 respostas).

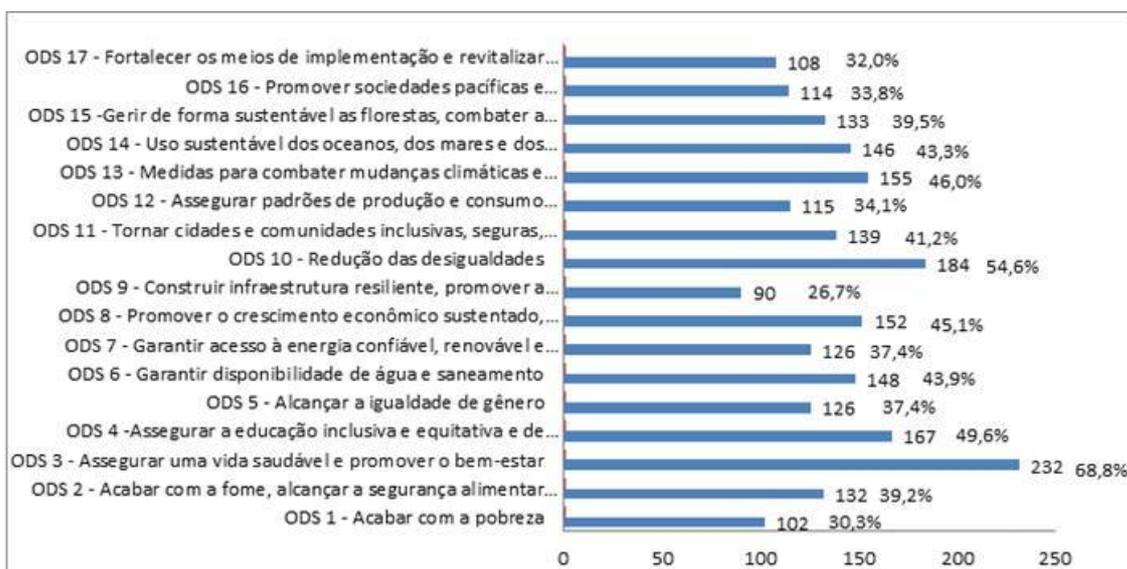
Dos motivos para a não adoção ou adoção parcial das práticas sustentáveis durante o isolamento, destaca-se na Figura 4 a justificativa: “não saber o que fazer ou por onde começar” com 134 respostas, o que corresponde a 55% do total de respostas, considerando que os respondentes poderiam colocar mais de um motivo/ opção desta questão.

Figura 4. Motivos para não adoção de hábitos sustentáveis (Dados da pesquisa, 2020)

Cabe ressaltar que 162 respondentes, ou seja, 48% da amostra desta pesquisa, não veem motivos para a não realização das práticas sustentáveis. Mesmo que os hábitos sustentáveis não sejam sempre adotados, é perceptível que impactam a vida de 99,4% dos respondentes positivamente.

Assim, dentre os interesses mais populares, destacam-se: (i) aumentar a qualidade de vida; (ii) tornar uma pessoa mais consciente; (iii) preservar o meio ambiente, (iv) trazer mais saúde e (v) contribuir para o futuro das próximas gerações. Mais da metade dos respondentes, cerca de 57,6% da amostra estaria “moderadamente disponível” para mudar a sua forma de viver, exercitando sua consciência ecológica. Ninguém pontuou a alternativa “nada disponível” para realizar uma mudança de estilo de vida.

Nesta pesquisa, observou-se que os respondentes apontaram preocupações, relacionadas à adoção de hábitos sustentáveis, para o alcance dos 17 ODS por países (Figura 5).

Figura 5. Preocupações relacionadas aos ODS (Dados da pesquisa, 2020)

Considerando que o respondente poderia escolher mais de uma alternativa, ressaltam-se aquelas com mais de 46% da amostra e relacionadas à qualidade de vida (ODS 3), à educação (ODS 4), às desigualdades sociais (ODS 10) e às mudanças climáticas (ODS 13). Logo, essas temáticas fazem parte das discussões, dos desejos e anseios de uma comunidade, que se mostre propensa a contribuir para o alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, participando, de forma ativa, nas transformações sociais.

5. Discussão dos Resultados

Uma fatia de quase dois terços da amostra compreende pessoas jovens, que são estudantes do ensino médio, de graduação e pós-graduação da instituição de ensino pesquisada, com perfis similares, representando uma homogeneidade dentro do estrato, no que tange à preocupação com as desigualdades sociais, com a preservação do meio ambiente e um consumo consciente e responsável. Essa concentração de resultados é pertinente em estudos que aplicam amostragem estratificada.

As práticas sustentáveis, mais declaradas pelos respondentes como “SEMPRE”, são classificadas como hábitos que eram facilmente adotados, mesmo antes da pandemia, como um estilo de vida sustentável de consumo, baseado na consciência ecológica, que busca reduzir o uso de recursos naturais ou de resíduos, e proporciona uma melhor qualidade de vida aos respondentes e seus familiares.

Destaque para a prática “fazer doações de itens que não utiliza mais”, que obteve a maior frequência “SEMPRE”. Normalmente, é uma atividade realizada pela comunidade da instituição de ensino e envolve, principalmente, alunos, professores e demais funcionários que fazem doações de roupas e afins.

As respostas “NUNCA” representam a existência de dificuldades para a sua adoção dentro do espaço de moradia do respondente. Cabe ressaltar que, na análise dessas dificuldades, percebe-se a falta de informação objetiva, direta e clara sobre como desenvolver uma ação, como fazer uma horta orgânica ou mesmo reutilizar a água da máquina de lavar, por exemplo.

Outra prática com índice de frequência “ÀS VEZES” era “quando há necessidade de sair de casa, uso bicicleta ou vou a pé”. Isso pode ser explicado pelo fato de a maioria dos respondentes usar o transporte público para se deslocar, por exemplo. Quando possível ou estando próximo de sua residência, faz-se o uso de bicicleta ou vai a pé.

Apesar de ser uma prática sustentável estimulada e adotada pela Instituição de Ensino Superior desde 2015, o tópico “separar lixo reciclável e destinar para cooperativa” apresentou respostas distribuídas, de forma equânime, entre as frequências: “SEMPRE” (85 respostas), “ÀS VEZES” (88 respostas), “RARAMENTE” (74 respostas) e “NUNCA” (87 respostas). Com isso, há de refletir sobre a importância de uma prática adotada pela instituição, que, sem dúvida, seja disseminada e reconhecida por todos; contudo, a sua adoção pode ser dificultada, quando não se sabe como realizá-la de forma adequada, o que pode impactar a sociedade, ambiental, social e economicamente, em função dos benefícios que se tornam desconhecidos.

Este tipo de pesquisa estimula a comunidade para possíveis mudanças de comportamentos, em função dos benefícios proporcionados, sejam individuais ou coletivos.

Esse período de distanciamento social pode ser visto como um momento de refletir sobre os hábitos e padrões de consumo, que podem afetar positiva ou negativamente o meio ambiente a curto, médio ou longo prazo.

É perceptível, entre os respondentes, que são jovens estudantes, cuja maioria apresenta desejos, energia para a realização de ações e planos a respeito do futuro, a disposição em querer fazer a diferença pela sua sociedade ou até mesmo em contribuir para o alcance dos ODS, destacando-se nas respostas, com maior evidência: “assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar”, que é o ODS 3; “assegurar a educação inclusiva e equitativa, e de qualidade”, que é o ODS 4 e “redução das desigualdades”, que é o ODS 10. Cumpre, portanto, com o que se espera da Agenda 2030, quando as preocupações locais estão vinculadas aos objetivos globais, e assim fortalece a interdependência entre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

6. Considerações Finais

O embate trazido pela pandemia está mudando as prioridades dos respondentes, que fazem parte de uma comunidade acadêmica. Verificou-se que 99,4% disseram que um novo estilo sustentável impacta sua vida positivamente e que ao menos, 194 pessoas estariam dispostas a mudar para hábitos mais conscientes, como os apresentados na pesquisa. Como resultado, as preocupações com a saúde física e mental, a fim de assegurar uma vida saudável, com a educação inclusiva e equitativa de qualidade e com medidas para combater mudanças climáticas estão relacionadas aos 17 ODS.

Essas inquietações se refletem nos hábitos ou atitudes sustentáveis, que foram apreendidas antes e durante a pandemia pela maioria da amostra pesquisada, pois são características marcantes da Geração Z, que é comprometida com a sustentabilidade, busca um consumo consciente e encontra-se atenta às profundas desigualdades sociais no mundo.

Apesar dos resultados demonstrarem uma preocupação da comunidade com impactos ambientais e sociais ocasionados pelas atividades humanas, observa-se certo grau de resistência na promoção de hábitos e atitudes sustentáveis, talvez, associado ao desconhecimento em realizar tais práticas, de se comportar de forma proativa ou até mesmo, por ignorarem os benefícios relacionados.

Cumpramos ressaltar que nos primeiros meses de pandemia, houve um aumento do desemprego e até a chegada do auxílio emergencial do governo federal brasileiro, observou-se um grande impacto no consumo, principalmente para o público de menor poder de compra ou que teve sua renda reduzida. Isso reforça a necessidade de um comportamento mais controlado do consumidor, o que aponta para uma mudança de prioridades e de alocação de recursos, em conformidade com um novo estilo de vida. Nesse sentido, alguns fatores tornaram-se mais relevantes na decisão de compra dos consumidores, especialmente àqueles que asseguram uma vida saudável, como tendência à alimentação e hábitos saudáveis.

Em suma, não se deve negar que a pandemia é um importante fator de alerta para se pensar mais coletivamente, analisando os impactos do consumo na sociedade e no meio ambiente. Esta percepção foi, realmente, observada na pesquisa, que teve seu objetivo

atendido, quanto à adoção de práticas ou hábitos sustentáveis. Constatou-se, portanto, uma tendência de mudança de postura, buscando hábitos responsáveis.

Embora seja cedo prever quando o mundo voltará a uma vida próxima do normal, novos padrões de comportamento e de consumo consciente podem ser incorporados ao cotidiano pós-coronavírus. Ao mesmo tempo, sabe-se que velhos hábitos continuarão a existir. Em um mundo mais digitalizado e preocupado com as questões relacionadas à sustentabilidade, as restrições financeiras também alterarão padrões de consumo.

Referências

- AKATU. **Impactos do isolamento social em nosso consumo**. 2020. Disponível em: <https://akatu.org.br/impactos-do-isolamento-social-em-nosso-consumo/> Acesso em 01 mar. 2021.
- ALMEIDA, F. **Responsabilidade social e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- ARENILLA SÁEZ, M. Localización y digitalización de los ODS en un futuro inesperado. **Revista de Estudios Locales - CUNAL**, 2020. <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.25253.45280>
- ARENILLA SÁEZ, M. La arquitectura institucional y el cumplimiento de la Agenda 2030 em Iberoamérica. **Revista del CLAD Reforma y Democracia**, 75, 5-44, 2019. <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.10357.73442>
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOLFARINI, H.; BUSSAB, W.O. **Elementos de Amostragem**. 4ª reimpressão. São Paulo: Blucher, 2015.
- BRANDÃO, C.R. **Pesquisa participante**. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRASIL. **Agenda Ambiental na Administração Pública - A3P**. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental, Brasília, 2017.
- BRASIL. **Acordo de Paris**. Organização das Nações Unidas, Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil, 2016.
- BRASIL. **Plano de Ação para Produção e Consumo Sustentáveis – PPCS**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2011.
- BUCK, J.; WEINSTEIN, S. The ecological consequences of a pandemic. **Biology Letters**, 16, 11,2020. <http://doi.org/10.1098/rsbl.2020.0641>
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos - conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- CARVALHO, F.A. Pandemia e Meio Ambiente: Impactos momentâneos ou nova normalidade? Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. 2020. **Notícias, Pesquisa e Inovação**, online. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/04/24/pandemia-e-meio-ambiente-impactos-momentaneos-ou-nova-normalidade/> Acesso em 12 jan. 2021.
- CEFET/RJ. **Relatório de Gestão - Exercício 2019**. Brasil, Rio de Janeiro, 2020.
- CEPAL. **Disponibilidad de datos estadísticos para enfrentar la pandemia de la COVID-19**. Lectura de consulta. 2020a. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45962/1/stats_covidFAOCEPAL_es.pdf Acesso em 23 mar. 2021.
- CEPAL. **Informe sobre el impacto económico en América Latina y el Caribe de la enfermedad por coronavirus (COVID-19)**. 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/34ffc900-en> Acesso em 23 mar. 2021.
- CEPAL. **Panorama Fiscal de América Latina y el Caribe, 2020: la política fiscal ante la crisis derivada de la pandemia de la enfermedad por coronavirus (COVID-19)**. 2020c. Disponível em:

https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45730/5/S2000154_es.pdf Acesso em 15 mar. 2021.

CLAD. **Recopilación de datos relativos a las actuaciones de las administraciones públicas con relación a la Pandemia**. 2020. Disponível em: <https://clad.org/2020/04/21/ini-text-first/recopilacion-dedatos-relativos-a-las-actuaciones-de-las-administraciones-publicas-con-relacion-a-lapandemia/> Acesso 02 fev. 2021.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CORLETT, R. T., PRIMACK, R. B., DEVICTOR, V., MAAS, B., GOSWAMI, V. R., BATES, A. E., KOH, L. P., REGAN, T. J., LOYOLA, R., PAKEMAN, R. J., CUMMING, G. S., PIDGEON, A., JOHNS, D., & ROTH, R. Impacts of the coronavirus pandemic on biodiversity conservation. **Biological conservation**, 246, 108571, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2020.108571>

DIEHL, A.A.; TATIM, D. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Pearson, 2004.

ELKINGTON, J. **A teoria dos três pilares**. São Paulo: Makron Books, 2001.

FRIENDSLAB, L. **Conheça a Geração Z e seus comportamentos de consumo**, 2020. Disponível em: <https://www.friendslab.co/conheca-a-geracao-z-e-seus-comportamentos-de-consumo#:~:text=Comportamentos%20de%20consumo%20da%20Gera%C3%A7%C3%A3o%20Z&text=Outro%20resultado%20importante%20foi%20de,ter%C3%A7o%20a%20menos%20em%202012> Acesso em 29 mar. 2021.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

GLOBAL FOOTPRINT NETWORKING. **Ecological Footprint**. Institutional website, 2021.

GRILLO, F. **Administración pública, pandemia y mundo post Covid 19**. Centro Latinoamericano de Administración para el Desarrollo - CLAD, 2020.

GUERRIERO, C.; HAINES, A.; PAGANO, M. Health and sustainability in post-pandemic economic policies. **Nature Sustainability**, 3, 494–496, 2020. <https://doi.org/10.1038/s41893-020-0563-0>

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, M. **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning**. EDUCAUSE Review, 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

LE QUÉRÉ, C.; JACKSON, R.B.; JONES, M.W; et al. Temporary reduction in daily global CO2 emissions during the COVID-19 forced confinement. **Nature Climate Change**, 10, 647-653, 2020. <https://doi.org/10.1038/s41558-020-0797-x>

LEFF, E. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez/Edifurb, 2003.

LÉNA, P.; ISSBERNER, L. Desafios para o Brasil em Tempos de Antropoceno. In: May, H. Peter. (Org.). **Economia do meio ambiente: Teoria e prática**. 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 205-230, 2018.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais**. São Paulo: EDUSP, 2005.

MEC. **Coronavírus: monitoramento das instituições de ensino**. Ministério da Educação, Brasília, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/coronavirus/> Acesso em 17 mar. 2021.

MORIN, E. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. **Impacto da pandemia de Covid-19 nas emissões de gases de efeito estufa no Brasil**. Instituto de Energia e Meio Ambiente, Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa (SEEG), 2020.

OCDE. **Economic Outlook Interim Report**. September 2020a Disponível em: https://read.oecd-ilibrary.org/economics/oecd-economic-outlook/volume2020/issue-1_34ffc900-en#page1 Acesso em 13 mar. 2021.

OCDE. **Education at a Glance**. 2020b. Disponível em: <http://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/> Acesso em 22 mar. 2021.

- NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> Acesso em 15 mar. 2021.
- PORTILHO, F. Consumo sustentável: limites e possibilidades de ambientalização e politização das práticas de consumo. **Cadernos EBAPE.BR**, 3, 3, 01-12, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512005000300005>
- ROCKSTRÖM, J. et al. The world's biggest gamble. **Earth's Future**, 4, 465–470, 2016. <https://doi.org/10.1002/2016EF000392>
- RUPPRECHT, C. et al. Multispecies sustainability. **Global Sustainability**, 3, 34, 01–12, 2020. <https://doi.org/10.1017/sus.2020.28>
- SACHS, J.; SCHMIDT-TRAUB, G., KROLL, C., LAFORTUNE, G., FULLER, G., WOELM, F. **Sustainable Development Report 2020**. The Sustainable Development Goals and Covid19. Cambridge: Cambridge University Press, vi-14, 2020. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/sustainabledevelopment.report/2020/2020_sustainable_development_report.pdf Acesso em 3 abr. 2021.
- SARKIS, J. Supply chain sustainability: learning from the COVID-19 pandemic. **International Journal of Operations & Production Management**, 41, 1, 63-73, 2020. <https://doi.org/10.1108/IJOPM-08-2020-0568>
- SERÔA DA MOTTA, R. **Padrão de consumo, distribuição de renda e o meio ambiente no Brasil**. Rio de Janeiro: Ipea, 2002. (Texto para discussão, n.856).
- SERRES, M. **O mal limpo: poluir para se apropriar?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. STEFFEN, W. et al. Planetary boundaries: Guiding human development on a changing planet. **Nature**, 347, 6223, 736-747, 2015. <https://doi.org/10.1126/science.1259855>
- STEVANIM, L.F. **Desigualdade social e econômica em tempos de Covid-19**. Fundação Oswaldo Cruz, Portal Fiocruz, Comunicação e informação, Maio 13, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19> Acesso em 5 abr. 2021.
- UNCTAD. **Transformar nuestro mundo: la Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible**. Asamblea General, A/RES/70/1 (25 Septiembre 2015), 1-40, 2015. Disponível em: http://unctad.org/meetings/es/SessionalDocuments/ares70d1_es.pdf Acesso em 23 mar, 2021.
- VELÁZQUEZ, F. **Innovación pública después del COVID-19**. CUINAP Argentina nº 1, 2020. Disponível em: <https://publicaciones.inap.gob.ar/index.php/CUINAP/issue/view/62/CUINAP%2031> Acesso em 10 mar. 2021.
- WELLS, P.; ABOUARGHOUB, W., PETTIT, S.; BERESFORD, A. A socio-technical transitions perspective for assessing future sustainability following the COVID-19 pandemic. **Sustainability: Science, Practice and Policy**, 16, 1, 29-36, 2020. <https://doi.org/10.1080/15487733.2020.1763002>
- WORLD BANK. **Simulating the potential impacts of covid-19 school closures on schooling and learning outcomes: a set of global estimates**. 2020. Disponível em: <http://pubdocs.worldbank.org/en/798061592482682799/covid-and-education-June17-r6.pdf> Acesso em 15 fev. 2021.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.
- ZAMBRANO-MONSERRATE, M. A., RUANO, M. A., SANCHEZ-ALCALDE, L. Indirect effects of COVID-19 on the environment. **Science of The Total Environment**, 728, 2020. ISSN 0048-9697. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.138813>